

FORMAÇÃO DIDÁTICA-PEDAGÓGICA E O ENSINO DE GEOGRAFIA*

José Augusto da SILVA**

Resumo: O texto tem por finalidade fazer uma reflexão do processo ensino aprendizagem do conhecimento geográfico. O professor de Geografia é alertado para a dinâmica das informações do mundo contemporâneo e a necessidade de se atentar para as abordagens didáticas-pedagógicas. Não obstante, com os questionamentos aqui levantados, não pretendemos responder as indagações deste profissional, quem sabe aquecer a discussão sobre um tema tão instigante.

Palavras-chave: Aluno; Educador; Ensino; Conhecimento Geográfico.

“Existe um saber geográfico pré-escolar que brota da vivência prática, social, do espaço? Ele será, como geralmente se afirma, uma soma arbitrária de intuições vagas com opiniões equivocadas, ou podemos efetivamente atribuir-lhe status de conhecimento, ainda que muitas vezes passe à margem das categorias analíticas e das conclusões positivistas da geografia tradicional? Afinal quais são as características fundamentais, os traços distintivos dessa ‘consciência espacial’ peculiar” (Resende, 1989, p. 83).

Os meios devem sim justificar os fins!

“O professor de Geografia deveria ter entusiasmo e ser capaz de transmiti-lo a outras pessoas. (...) O professor deve sentir que já viu alguma vez a região que explica a seus alunos”, afirma (Thralls, 1967, p. 15).

O aluno pensa com intensidade seu espaço geográfico, aquele que faz parte de sua vivência cotidiana no mundo real e aquele que faz parte de sua vivência no mundo do imaginário.

Quando o professor é o dono do saber e o aluno um mero espectador, o saber verdadeiramente não se constrói.

“O professor de Geografia deveria ser capaz de apresentar a matéria de maneira a oferecer a classe possibilidades de compreensão, prazer e desejo de saber mais”, continua (Thralls, 1967, p. 15).

O professor deveria agir como um ator, estimular a possibilidade do riso, quando o assunto é engraçado, não se furtar do estímulo às lágrimas, quando o assunto é dor e nem perder de vista os momentos de serenidade, onde verdadeiramente deve-se discutir e refletir a compreensão do saber.

* Tema desenvolvido na disciplina “Ensino e Produção do conhecimento Geográfico” sob orientação da Profa. Dra. Alice Yatiyo Asari no curso de Pós-Graduação da FCT/Unesp, Presidente Prudente – SP, Novembro de 1998.

** Mestrando no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências Tecnologia UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente – SP- Brasil.

Não obstante, o riso, a lágrima e a serenidade no pensar não devem ser tirados da passividade dos alunos, ao contrário devem ser tirados da reflexão e participação ativa dos mesmos.

“O professor de geografia necessita ler jornais e revistas de maneira crítica e cuidadosa e aproveitá-los para ilustrar explicações sobre a maneira como os homens usam o seu meio ambiente (geográfico), como procuram aproveitá-lo melhor e como se esforçam para adaptar-se nesse mundo tão inquieto”, insiste (Thralls, 1967, p. 15).

O professor de Geografia deveria ler os escritos das experiências individuais de cada aluno de maneira crítica e cuidadosa, aproveitando-as para fazer as devidas correlações com os conteúdos desenvolvidos.

O professor de Geografia deveria explorar o “saber geográfico pré-escolar” dos alunos.

“Educadores, onde estão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”, indaga e afirma (Alves, 1985, p. 16).

O preparo do educador, portanto, transcende a relação mercadológica, vai muito mais além, caminha na direção do saber, o saber que se traduz na vida, na vivência individual dos seres, no cotidiano dos seus alunos.

Porém, devo lembrar! O educador não é “o todo poderoso”, não vive do espírito, convive e faz parte de relações mercadológicas altamente desenvolvidas e competitivas e a sociedade cobra a formação dos indivíduos para este mercado. Esse assunto mereceria mais atenção.

Como deve ser, então, o preparo do educador?

A formação nos bancos acadêmicos se faz importante para o processo diferenciado da aquisição do saber pedagógico do educador.

A formação acadêmica deve ser entendida como o processo e resultado de estudos gerais e específicos feitos num domínio particular por indivíduo; esta formação acadêmica desenvolve, por um lado, uma competência mais acentuada numa ou mais disciplinas científicas conforme o nível de estudo efetuado, desenvolvendo uma “cultural geral”.

“A verdadeira cultura geral é a que torna o homem aberto a tudo que não é próprio, a tudo que ultrapassa o estreito círculo da sua especialidade” (Écrits Philosophiques et Pédagogiques, Paris, GFEN, 1947 apud Mialaret, 1982, p. 09).

A formação pedagógica como o conjunto dos processos que conduzem um indivíduo a exercer uma atividade profissional (a de Professor) é resultado desse conjunto de processos.

Não obstante, esses procedimentos de nada terá valor se o indivíduo não for despertado para uma consciência crítica do seu papel como educador no processo de transformação da sociedade.

É desse profissional consciente e crítico que nasce o verdadeiro sentido do educar, onde os educandos são verdadeiramente valorizados no seu saber cotidiano, no “saber geográfico pré-escolar”.

Este posicionamento profissional a “luz do Construtivismo”, onde a aquisição do saber transcende o horizonte do educador, vai muito mais além, o saber é construído no esforço individual de cada educando. O Construtivismo valoriza as ações, enquanto operações do sujeito cognocente (que conhece), visões não-construtivistas valorizam, ao contrário, a transmissão.

Nessa perspectiva o ser é tido como um elemento ativo no processo ensino aprendizagem.

A formação de um indivíduo cidadão, que possa despertar em seu interior a consciência das relações intrínsecas do seu meio, é fundamental em uma sociedade “democrática”. A cidadania, enquanto condição de ser portador de direitos e deveres, é o caminho que leva à construção da consciência ambiental, um tema hoje, de extrema relevância para a manutenção da vida e que perpassa por essa condição de cidadão.

A análise da dimensão cotidiana da compreensão pelo educando do espaço geográfico leva a pensá-lo enquanto somatória de práticas e, conseqüentemente, entendê-lo na sua potencialidade de generalização para o conjunto da sociedade. Entende-se que esta generalização de práticas geográficas só será possível se estiver inserida no contexto dos valores sociais, mesmo que se refira a mudanças de hábitos cotidianos.

Nesse sentido, a educação e sua especificidade “conhecimento geográfico” deve partir não apenas da grande gama de informações, que a interdisciplinaridade propicia, mas, principalmente, da relevância da formação nesse contexto (do cotidiano).

A busca de um saber geográfico, voltado para uma metodologia, que verdadeiramente aponte ao educando a possibilidade da reformulação dos elementos conceituais desta ciência é que nos sugere essas indagações.

Os meios devem sim justificar os fins.

No processo ensino aprendizagem quando utilizamos de recursos didáticos-pedagógicos como meio para “condução” do saber, este, quando reflete o próprio conhecimento intrínseco nas relações culturais da vivência do educando, o meio (educando) é objeto do seu próprio saber.

Referências Bibliográficas

- ALVES, R. O preparo do educador. In: Brandão, C. R. (Org.). **O educador: vida e morte**. 6. ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MACEDO, L. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- MIALARET, G. **A formação dos professores**. Coimbra: Lev. Almedina, 1981.
- REZENDE, Márcia M. Spyer. O saber do aluno e o ensino de geografia. In: Visentini, José William (Org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. Campinas: Papirus, 1989.
- THRALLS, Z. A. **O ensino de geografia**. Porto Alegre: Globo, 1967.